

**A DELICADA PRESENÇA
(E ESCRITA)
DE ALINE BEI**



Texto: Nívia Passos Fotos: Isadora Arruda/ Divulgação

Com poesia e olhar atento para o cotidiano, especialmente para o vazio de personagens femininas, Aline Bei assinou sua voz no imaginário dos leitores. Desde o lançamento de *O Peso do Pássaro Morto*, em 2017, se firmou como um dos principais nomes da literatura nacional contemporânea, e seguiu assim com *A Pequena Coreografia do Adeus*, de 2021. Detentora do que chama de gramática íntima – o que mostra visualmente com a escolha de letras minúsculas constantes, com a maiúscula usada apenas quando a intenção da palavra se sobrepõe à regras –, a escritora se interessa pelos detalhes na lacuna do não-dito e, sobretudo, pela passagem do tempo.

Em *Uma Delicada Coleção de Ausências*, ela mostra tudo isso através de três personagens de gerações diferentes de uma mesma família. Com narração em 3ª pessoa pela primeira vez, sua escrita passa a ser como a câmera dos cineastas que admira e de quem buscou inspiração para materializar a trama, como Agnès Varda, Fellini, Chantal Akerman e Bergman. “Tem uma câmera, que é o meu olho. Eu estou mais posicionada que nos outros livros, misturada com as personagens, então senti que precisava do cinema como recurso”.

Em junho, a obra chega às livrarias pela Companhia das Letras para completar o que acabou se tornando uma tríade involuntária de personagens que, apesar da angústia, perseguem o sonho. Em conversa com a *Glamour*, que teve a oportunidade de conferir o livro antes da publicação, a autora reflete sobre esses e outros detalhes de seu processo criativo.

O tema da angústia é bem presente nos seus três livros. De onde vem esse interesse?

Eu sou uma autora que não planeja as histórias antes de começar a escrevê-las; eu costumo ter um grande pressentimento. Nesse livro, ele começou com a Margarida, que foi a primeira personagem que surgiu enquanto eu ainda estava escrevendo *A Pequena Coreografia do Adeus*. Tive um vislumbre no momento em que a Julia Terra [protagonista] fala da avó, com quem não teve muito contato, e imagina que a relação delas poderia ter sido muito boa. Ela tem esse pensamento e eu, uma grande intuição. Sinto que minha literatura se alimenta da perda, da falta, dessa inquietação diante de algo que não é nem material e nem palpável, mas que vem de uma ordem existencial e também estrutural, porque são personagens mulheres em cena, lidando com especificidades desses corpos femininos.

Como foi o processo de escrita?

Comecei a imersão nele em 2021, seis meses depois de entregar o anterior. Nesse período, também iniciei uma pós em Escritas Performativas que me ajudou a entender essas ideias e encontrar essa 3ª pessoa, que era nova no meu processo. Me interessava muito trabalhar a história subterrânea nesse texto, então foram quatro anos de muita reescrita para chegar onde eu gostaria. Foi difícil, mas prazeroso também. É um grande assombro sempre.

E como se deu a pesquisa da quiromancia, prática da personagem Margarida?

Viajei para Buenos Aires a passeio e vi uma senhora na rua – de quem até tirei uma foto que tenho guardada aqui, como primeiro registro de alguma coisa em direção ao livro. Ela estava em uma mesa muito simples onde estava escrito “leio mãos”. Sem a visão dela, eu não teria pensado nesse ofício da Margarida. Eu estudei através de livros e textos sobre o tema – como *A Cartomante*, de Machado de Assis, e *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector – e assisti a alguns filmes, mas também quis ter liberdade criativa. A própria Margarida teve aulas muito casuais, com esse palhaço cigano que foi o amor da vida dela, então constrói um modo de fazer muito próprio. Ela mesma tem suas dúvidas se está lendo mesmo futuro ou se está inventando.

As personagens do livro tem uma sensação de não-lugar causada por um homem – em cada história a seu modo. Como vê esse sentimento?

Não foi algo que eu sabia sobre o livro em um primeiro momento, mas fui percebendo como essa vida era atravessada por uma violência estrutural. Só que também tive o desejo de que essas personagens femininas tivessem suas responsabilidades nas ausências e dores que sofrem. Me interessava mais lidar com a complexidade das três a revelar o peso do patriarcado na vida delas.

O final da Laura seria uma libertação ou o começo de uma nova coleção de ausências?

Sinto que ela rompe algo importante naquele momento; transforma, com a força dessas mulheres que vieram antes. O que acontece com ela é o clímax de algo muito mais profundo, onde só percebemos o tamanho da ferida quando estala, mas aí já é tarde. É claro que Laura vai se deparar com novos desafios pela frente, mas tem a arte. Quero que isso fique claro para os leitores: ela é uma artista, então vai encontrar o modo de fazer a vida se tornar dela – e acho que isso é o mais importante.